

REINO UNIDO / Entre lágrimas e gratidão, milhares de súditos britânicos prestam homenagens à monarca falecida aos 96 anos e se preparam para dez dias de funeral de Estado. Traslado do corpo terá início amanhã

Luto e honras à rainha

» RODRIGO CRAVEIRO

Miranda Borugham, 40 anos, chegou ao Palácio de Buckingham, em Londres, por volta das 10h (6h em Brasília) e ali permaneceu até as 16h. “Eu admirava a rainha e tinha muito carinho por ela”, contou a londrina ao **Correio**. Fez questão de levar um buquê de rosas brancas, acompanhado de um bilhete escrito à mão. “O dia mais triste. Nós todos imaginávamos que a rainha fosse imortal”, escreveu no pequeno papel branco. “Eu esperava que ela fosse para sempre, pois sempre foi uma constante. Ela não é apenas a figura de proa de nossa nação. Sinto como se fosse a nossa mãe e avó. Estou verdadeiramente entristecida por sua morte. Fui prestar minhas condolências e testemunhar a história.”

Com lágrimas nos olhos, Harry Sims, morador de Reading, ao leste de Londres, ficou mais de uma hora na fila para depositar as flores em frente aos portões. “É muito complicado dizer com palavras... Ela sempre será minha rainha e penso que é muito bonito ver como toda esta gente mostra seu amor e respeito”, disse à agência de notícias France-Presse. No portão, flores e cartazes. “Nossa rainha, obrigado”, estampava um papel preso a rosas vermelhas e amarelas. “Respeito à senhora. Dignidade e dever até o fim”, afirmava outra mensagem.

O jornalista Abdulla Jameel, 39, viajou mais de 8 mil quilômetros das Maldivas até Londres, onde passava as férias até a tarde de quinta-feira. “Sou o único repórter das Maldivas a estar aqui. Estou muito impressionado. Nunca vi tamanha multidão. As pessoas estão muito desesperadas para se aproximarem dos portões e deixar suas flores. Nunca imaginei que fosse ver algo assim no Reino Unido”, relatou à reportagem. Jameel conversou com alguns dos súditos da rainha e soube que muitos deles tinham ficado até 12 horas no local para verem o rei Charles III.

Os protocolos fúnebres prosseguiram com o badalar dos sinos em igrejas de todo o Reino Unido e os disparos de canhões — ambos para marcar a morte da monarca. À tarde, políticos e cidadãos britânicos se reuniram em uma celebração na Catedral de St. Paul, em Londres, em memória da rainha. Naquele momento, o hino nacional foi executado com o novo refrão e novo título *God save the king* (“*Deus salve o rei*”). A letra tinha sido mudada pela última vez em 1952, depois que a morte de George VI levou a filha, Elizabeth II, ao trono.

Ontem, Rory Cellan-Jones, 64 anos, correspondente de tecnologia da emissora britânica BBC,

Andy Buchanan/AFP



Vestido com o tradicional kilt escocês, homem deposita rosas do lado de fora do Castelo de Balmoral, local da morte de Elizabeth II, na quinta-feira

Abdulla Jameel



Portões do Palácio de Buckingham se tornaram memorial improvisado

» Netflix suspende filmagens

A Netflix anunciou que suspendeu temporariamente as filmagens de sua série, *The Crown*, um dia após a morte da rainha Elizabeth II, aos 96 anos. A plataforma americana está produzindo a sexta temporada da bem-sucedida saga real, que em edições anteriores retratou detalhes da vida da soberana britânica, como seu casamento, suas relações familiares, além de escândalos e crises políticas. “Como demonstração de respeito, as filmagens de *The Crown* foram suspensas”, disse uma porta-voz da Netflix em nota à agência France-Presse. “As filmagens também serão suspensas durante o funeral de Sua Majestade, a rainha.” A série vencedora de vários prêmios Emmy começou sua primeira temporada com o casamento da rainha Elizabeth e o príncipe Philip em 1947. A estreia da quinta temporada está prevista para novembro e deve contar fatos que marcaram a monarquia britânica na década de 1990, incluindo a morte da princesa Diana. A atriz Imelda Staunton interpretará a rainha.

recordava com carinho um momento em que esteve com a rainha Elizabeth II. “Foi em 2012. Foi em uma recepção para indústrias de tecnologia e de mídias sociais no Palácio de Buckingham. Ela veio falar comigo e com mais três pessoas,

e nos fez perguntas. Minha impressão foi de que a rainha estava muito interessada em aprender novas coisas, apesar da idade avançada. Ela era ótima em deixar as pessoas à vontade. Como todos os britânicos, sinto-me triste,

AFP



Salvas de canhões para marcar a morte da soberana, em Londres

mas também grato pela forma com que Elizabeth II serviu ao nosso país”, relatou ao **Correio**.

Entre o luto, o sentimento de vazio e a curiosidade, britânicos e turistas se preparam para os funerais da rainha Elizabeth II. Amanhã, o corpo com o caixão da monarca será levado ao Palácio de Holyroodhouse, em Edimburgo, a residência dos monarcas na Escócia. Na segunda-feira, a urna seguirá em procissão até a Catedral de Saint Giles, onde será celebrada uma cerimônia para membros da família real. Londres terá a chance de se despedir da matriarca a partir de terça-feira, quando o caixão chegará à capital do Reino Unido e seguirá para o Palácio de Buckingham.

Entre quarta-feira (14) e domingo (18), os súditos poderão participar de um velório aberto em Westminster Hall, sede do Parlamento. O caixão será colocado sobre um catafalco de cor púrpura. O funeral de Estado,

na presença de chefes de Estado e de governo de todo o mundo, está previsto para o dia 19, na Abadia de Westminster. A família real caminhará atrás do caixão, e o Reino Unido silenciará por dois minutos. Elizabeth II será, então, sepultada na Capela de St. George do Castelo de Windsor, a 37km de Londres, ao lado do marido, Philip.

Para Elizabeth Norton, especialista sobre rainhas da Inglaterra, Elizabeth II será lembrada por sua longevidade. “Nenhum outro monarca reinou por sete décadas, com sua própria existência conferindo estabilidade e continuidade em um período de mudanças consideráveis. Em 1952, o Reino Unido e o mundo eram diferentes, e a rainha conseguiu conduzir a monarquia através das transformações. Elizabeth II conseguiu trazê-la para o século 21. Embora 15 prêmios tenham ido e vindo, ela se manteve constante”, avaliou ao **Correio**.

O que muda após a morte da soberana



Reprodução

Moeda e selos

O rosto do rei Charles III começará a estampar as moedas e as notas do Reino Unido e de outros países, substituindo a face da rainha Elizabeth II. Sua imagem também aparecerá em outras moedas usadas nas Ilhas do Caribe, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Em 1936, durante o reinado de 326 dias do rei Edward VIII, as moedas foram cunhadas, mas o monarca abdicou antes de serem colocadas em circulação. O rosto de Elizabeth II também aparece nos selos, enquanto as letras EIIR, para Elizabeth II Regina, estão em todas as caixas postais, que agora devem ser modificadas. O distintivo nos capacetes da polícia também mudará.

Hino e passaportes

O famoso Hino Nacional britânico mudará para *God Save the King*, com uma versão masculinizada da letra. Será um costume provavelmente difícil de mudar para os britânicos, que cantam *God Save the Queen* desde 1952. É também um dos dois hinos nacionais da Nova Zelândia e o hino real da Austrália e do Canadá, que têm seus próprios hinos nacionais. O texto na capa interna dos passaportes britânicos, emitidos em nome da Coroa, e a inscrição semelhante no interior dos passaportes australianos, canadenses e neozelandeses também precisarão ser atualizados. Ao levantar um copo em atos oficiais, não se dirá mais “à rainha” e sim “ao rei”.

Política e direitos

Os nomes do “governo de Sua Majestade” (*Her Majesty's*), assim como o Tesouro e a Alfândega, passarão para a versão masculina “*His Majesty's*”. Desse modo, será “o discurso do rei”, e não o da rainha, o que vai inaugurar as sessões parlamentares apresentando o futuro programa de governo. Mudará também o nome de “guarda da rainha”, fotografada incansavelmente pelos turistas em frente ao Palácio de Buckingham. A polícia não velará mais pela paz da rainha, mas pela do rei, e os advogados seniores passarão de QC (*Queen's counsel*, conselheiros da rainha) para KC (*King's counsel*, conselheiros do rei).

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Pequim pergunta: namoro ou amizade?

Entre as mensagens de Estado enviadas pelo Bicentenário da Independência, chama a atenção a do presidente da China, pelo teor e pela forma. Xi Jinping exalta o Brasil como “o maior país em desenvolvimento do Hemisfério Ocidental” e aquele “em maior ascensão”. Destaca o compromisso do parceiro com “um caminho independente de desenvolvimento pacífico” e o “papel importante que desempenha nos assuntos internacionais”.

Mais longa que a maior parte das manifestações de governos mundo afora, a homenagem de Pequim parece claramente endereçada ao futuro. Não um horizonte distante, quase apenas imaginável, mas um visível: o de janeiro de 2023, quando um novo

governo terá início no Planalto — seja qual for o resultado das eleições de outubro. Não por acaso, Xi fez questão de lançar um chamado explícito a aprofundar a parceria global estratégica entre China e Brasil, sem deixar de mencionar o papel do aniversariante no Brics.

Tijolo com tijolo

No último encontro de cúpula do bloco, em junho, sob presidência chinesa, os anfitriões apostaram as fichas em uma tática flexível para ampliar a influência global do quinqüeto emergente. Afora a participação de delegações convidadas, como a da Argentina — que namora um passe para ingressar formalmente no grupo —, a

diplomacia milenar do Império do Meio relançou uma iniciativa própria, a plataforma Brics Plus.

Ao longo do ano, antes e depois do encontro dos líderes por teleconferência, Pequim multiplicou as gestões com economias em desenvolvimento, em distintas áreas do globo. Estimulou a relação institucional de mecanismos regionais de cooperação com os foros de intervenção do Brics e a participação ativa dos demais membros do bloco nas articulações que representem o que chama de “Sul Global”.

Na estratégia traçada por Xi, que busca associar seu nome a uma era de ascensão da China à condição de potência mundial de primeira grandeza, o Brasil pode ocupar posição primordial. Para isso, no entanto, é preciso que o novo ciclo político em Brasília inclua o empenho decidido do Planalto e do Itamaraty em um movimento destinado a recolocar o país na primeira fila do cenário geopolítico.

Canto de cisne

O bicentenário da independência propiciou também uma mensagem que ganha maior significado pelo momento. Na véspera da morte, a rainha Elizabeth II dirigiu ao Brasil um texto de felicitação impregnado da lembrança afetiva da visita de 10 dias que fez ao país, no convulsionado 1968. Brasília, então ainda a capital recém instalada, esteve no roteiro da soberana. Entre as imagens da estada, uma das mais lembradas foi o encontro que teve no Rio com Pelé — já então “coroa-do” como atleta, e condecorado por ela anos mais tarde.

Dever de casa

Pela dimensão e repercussão, a morte de Elizabeth II representou para a diplomacia argentina a ocasião para exercer a função de Estado por cima de considerações políticas. Buenos Aires emitiu nota de

condolências, em tom cuidadosamente calibrado, expressando ao Reino Unido solidariedade pela perda da chefe de Estado que, como tal, personificou, em 1982, a derrota militar da Argentina na tentativa de recuperar a soberania sobre as Ilhas Malvinas — ocupadas desde o fim dos anos 1800 e até hoje chamadas de Falklands pelos britânicos.

Em contraste com a sobriedade oficial, o adeus à rainha motivou no país comemorações mais ou menos efusivas, como um brinde de champanhe ao vivo em um programa de televisão.

Vai para o trono?

Charles III será proclamado oficialmente hoje, embora seja o rei da Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte desde a morte da mãe — ao contrário do que acontece no Vaticano, não existe vacância no trono britânico. Desde quinta-feira, porém, estudiosos e observadores se debruçam

sobre uma pergunta que transita da história ao futuro: o sucessor terá fôlego para manter viva a milenar monarquia?

Até pela mitologia, simbolizada no ciclo do rei Arthur e sua Távola Redonda, a coroa inglesa encarna o sentido geral do monarca como personificação da nação. Um arcabouço mais elaborado, mas que tem origem na figura dos chefes de tribos e clãs da antiguidade remota. Até pelos 70 anos de reinado, o mais longo na vida da Inglaterra, Elizabeth II soube cultivar essa imagem mesmo nos momentos de questionamento mais aberto, como na traumática morte da princesa Diana.

Entre os traços que distinguem a monarquia britânica está a pioneira Constituição do século 13, a Magna Carta, pela qual o rei se subordinou ao parlamento. São igualmente constitucionais as monarquias que subsistem na Europa, mas nenhuma delas tem raízes tão profundas, como instituição.